

# PROFISSÕES SOCIAIS E GÉNERO: PERSPECTIVAS EM TORNO DO DEBATE SOBRE SERVIÇO SOCIAL E PROFISSÕES FEMININAS

Teresa Alves  
*Doutoranda em Serviço Social*  
*Universidade Católica de Lisboa*

## Resumo

Nesta comunicação apresentam-se, de forma exploratória, algumas das perspectivas teóricas que se vêm afigurando como mais sugestivas para a análise do Serviço Social como profissão feminina. Essencialmente exploram-se algumas pistas teóricas sugerindo que os estereótipos de género encerram consequências para o Serviço Social, enquanto profissão fortemente marcada pela diferenciação sexual, na sua história e estatuto que se apresentam como relevantes para a compreensão da profissão na actualidade num contexto societário em que se observa uma dinâmica de reconfiguração das profissões sociais.

## Abstract

This communication presents, in an exploratory approach, some of the most suggestive theoretical perspectives for the analysis of Social Work profession as a female profession.

Essentially the paper explores some theoretical thoughts that suggest gender stereotypes are relevant to analyse Social Work, as a profession strongly marked by gender differentiation in its history and status. Issues that present themselves relevant to understanding the profession its self, and in the context of social professions reconfiguration that are occurring nowadays.

## Introdução

Este artigo constitui-se como parte de um projecto de investigação no âmbito do Doutoramento em Serviço Social através do qual se pretende contribuir para a compreensão das identidades profissionais do Serviço Social como profissão feminina. Propomo-nos apresentar aqui, de modo exploratório, algumas das perspectivas teóricas consideradas mais pertinentes para este estudo.

Exploramos no essencial a hipótese teórica de que existem profissões, designadamente no domínio social, que foram historicamente construídas como «trabalho de mulheres», como é o caso designadamente das profissões agrupadas na designação anglo-saxónica de caring professions, na qual situaremos o Serviço Social. Pretende-se explorar neste artigo várias pistas que se parecem revelar particularmente heurísticas para a compreensão desta hipótese. Assim, por um lado, e seguindo a perspectiva de Curran e Abrams (2004), parece importante compreender a evolução do serviço social enquanto profissão ou das profissões do «trabalho social» na sua relação com as reformas sociais, ou seja, na sua relação com o Estado.

Seguindo outro angulo de análise, explora-se a pista segundo a qual «nas identidades socioprofissionais estão habitualmente incluídos atributos que parecem normal e naturalmente associados ao género masculino, ou ao género feminino e que apoiam encaminhamentos e processos identitários profissionais genderizados» (Escobar, 2004). Este aspecto articula-se com a abordagem de Taylor e Daly (1995) relativa à relação entre diferencialismo sexual das profissões sociais e modelo de profissionalismo.


### Palavras-chave:

*Serviço Social, Identidades Profissionais, Identidades de Género, Profissões Femininas e Caring Professions.*

...

### Keywords:

*Social Work, Professional Identities, Gender Identities, «Female Professions», Caring Professions.*



Sendo o Serviço Social uma profissão feminina, procurar-se-á analisar em que medida a herança social da visão do papel das assistentes sociais como mulheres, se reflecte no modelo do profissionalismo (Taylor; Daly, 1995; Abrams; Curran, 2004; Montano, 2007; Aristú, 2004).

Ao seguirmos as pistas abertas pelo diferencialismo profissional, tal perspectiva possibilita-nos centralizar a análise nos papéis femininos desvalorizados e a sua relação com o baixo poder e estatuto nas profissões femininas – herança negativa (Taylor; Daly, 1995, Aristú, 2004 Abrams; Curran, 2004; Genolet, 2005; Montano, 2007; Guadarrama et al, 2007), colocano-nos perante as questões do poder e autoridade (Beechev, 1979; Conell, 1987; Walby, 1990).

Por sua vez, o enquadramento do Serviço Social nas caring professions (Abbott e Meerabeau, 1988; Hugman, 1991; Letablier, 2007), permitirá compreender que nem todas as profissões são femininas, pelo que a sua demarcação por oposição às restantes «profissões do cuidar», como olhar e atender às necessidades dos outros, nos clarificaram sobre algumas das especificidades das próprias profissões femininas.


## O Serviço Social como Profissão Feminina e «Caring Profession»

Para autores como Montano (2007) e Bessin (2009), o Serviço Social enquanto profissão feminina tem precisamente nesta qualidade o seu primeiro elemento de subalternidade, na medida em que se insere em sociedades marcadas e regidas por padrões patriarcais.

A génese histórica do Serviço Social situa-se nos processos assimétricos e diferenciados de feminização do trabalho, nos mundos de trabalho considerados adequados às mulheres – nas esferas do «trabalho social». O relevo dado à génese da profissão situa-a nos processos históricos da sua constituição, e profissionalização, resgatando uma dimensão importante para a compreensão do Serviço Social como profissão feminina, nomeadamente o feminismo maternalista, que marca segundo Bessin (2009: 70) a «ideologia da profissão desde o pós-guerra», herança que ainda hoje se faz sentir.

Considerar o Serviço Social como profissão feminina, permite-nos compreender o peso das identidades profissionais, e identidades de género, na perspectiva da abordagem da segregação das profissões segundo o género (Walby, 1990). Da estereotipia de género nas identidades pessoais, e das profissionalidades femininas, construídas em contextos sociais e históricos determinados, na relação com a evolução das reformas sociais e do próprio serviço social – dimensões mais estruturais das políticas sociais e da construção da profissão do Serviço Social (Curran e Abrams, 2004).

Entende-se como relevante compreender a abordagem da construção das identidades socio-profissionais (Dubar, 2000; 2006), onde «estão habitualmente incluídos atributos que parecem normal e naturalmente associados ao género masculino, ou ao género feminino e que apoiam encaminhamentos e processos identitários profissionais genderizados» (Escobar, 2004: 18). Para Taylor e Daly (1995), a herança histórica de esferas separadas para homens e mulheres (não só nas dimensões do trabalho) continua a ter efeitos «adversos» na igualdade profissional, trazendo «conflitos inmutáveis e irreconciliáveis para as mulheres no Serviço Social» (Taylor e Daly, 1995: 13).



Para a compreensão deste problema várias pistas se parecem revelar particularmente heurísticas. Assim, por um lado, e seguindo a perspectiva de Curran e Abrams (2004), parece importante compreender a evolução do serviço social profissional na sua relação com as reformas sociais, pelo que se impõe seguir a linha de investigação da construção da profissão do Serviço Social na sua relação com o Estado, quer no âmbito da formação, quer da regulação profissional, quer ainda da orientação das políticas sociais.


Por outro lado, e explorando a pista de Escobar (2004), segundo a qual «nas identidades socioprofissionais estão habitualmente incluídos atributos que parecem normal e naturalmente associados ao género masculino, ou ao género feminino, e que apoiam encaminhamentos e processos identitários profissionais genderizados», seguiremos como linha de investigação as propostas de Dubar (2000, 2006) sobre a dinâmica dos processos identitários socioprofissionais. Este aspecto articula-se com a abordagem de Taylor e Daly (1995) relativa à relação entre diferencialismo sexual das profissões sociais e modelo de profissionalismo.

Noutro registo, afigura-se relevante analisar em que medida, sendo o Serviço Social uma profissão feminina, as assistentes sociais transportam para o campo profissional a forma como foram socialmente genderizadas (Taylor; Daly, 1995; Abrams; Curran, 2004; Montano, 2007; Aristú, 2004), e de que modo a herança social da visão do papel como mulheres, se reflecte no seu modelo profissionalismo (Taylor e Daly, 1995), na forma como se colam os atributos – capacidades para o «cuidar», sensibilidade para as necessidades dos outros – de maternalismo. Estas dimensões podem constituir-se em processos marcantes para as mulheres profissionais, e por sua vez, para a própria profissão.

Outro ângulo importante de análise é relativo às questões do poder e autoridade (Beechey, 1979; Conell, 1987; Walby, 1990), no sentido de analisar como é que estes se jogam nas identidades pessoais e profissionais das mulheres. Reconhecer-se o poder e a autoridade como pistas teóricas sugestivas, é reclamar a importância da forma como as assistentes sociais perspectivam a natureza do seu poder e autoridade, a sua relação e significado na efectividade da sua profissão como feminina, pelo que «para se entender alguns dos problemas colocados às lutas renhidas das trabalhadoras sociais com o exercício da sua autoridade, a influência do género tem de ser considerada» (Taylor e Daly, 1995: 61).

A perspectiva que coloca o acento no diferencialismo entre homens e mulheres, centraliza a sua análise nos papéis femininos desvalorizados e a sua relação com o baixo poder nas profissões femininas, (Taylor; Daly, 1995, Aristú, 2004 Abrams; Curran, 2004; Genolet, 2005; Montano, 2007; Guadarrama et al, 2007). Atribui-se o baixo poder e estatuto das mulheres ao baixo poder e baixo estatuto das profissões femininas – herança negativa (Taylor; Daly, 1995, Aristú, 2004 Abrams; Curran, 2004; Genolet, 2005; Bessin, 2005; 2009, Montano, 2007; Guadarrama et al, 2007).

Por sua vez entende-se relevante para esta análise, a abordagem dos contributos trazidos pela perspectiva do Serviço Social no âmbito das designadas caring professions. Numa incursão exploratória entende-se que compreender a associação das profissões femininas ao diferencialismo sexual e profissional, nos remete para a análise da atribuição do cuidar, como esfera



predominantemente feminina. Emerge assim a necessidade de alargarmos a discussão para a compreensão do Serviço Social integrado num campo mais amplo – as *caring professions* (Abbott, 1988; Hugman, 1991; Letablier, 2007), remetendo-nos para a exploração do próprio conceito.


Aos conceitos de *care*<sup>1</sup> *caring*<sup>2</sup> e *caring carries* (Hugman, 1991), associam-se um conjunto de características das profissões e dos/as profissionais, que encerram ao mesmo tempo aspectos emocionais e intelectuais atribuídos às mulheres: nas «características pessoais (paciência e humildade), nos valores morais (honestidade), bem como na posse e no uso dos conhecimentos» (Hugman, 1991: 9).

Reconhecendo o seu carácter multidimensional, e a sua evolução no contexto europeu, Letablier (2007) explora o conceito de *care* colocando a sua origem no trabalho não remunerado, considerando-o como uma das suas fragilidades relevantes e marcantes para a sua evolução. Na desconstrução do conceito de *care* reconhece-se a sua dupla filiação<sup>3</sup> como marcante para a compreensão das profissões «femininas»: enquanto trabalho voluntário na família e na comunidade, e, na esfera do trabalho fora da família. Em ambos, é caracteristicamente relacional (Letablier, 2007: 66), e é essencialmente realizado por mulheres.

O conceito de *care* tem assim múltiplos sentidos: é «trabalho para os outros, é trabalho realizado dentro e fora de casa, implica uma realização de serviço, de atenção, e, preocupação com os outros, e é ao mesmo tempo um campo de intercepção entre a família, e as políticas sociais vinculado às questões da cidadania social» (Letablier, 2007: 67).

Este conceito permite apreender melhor as tradicionais dicotomias atribuídas ao trabalho feminino (salarial ou não assalariado, formal ou informal, público e privado) – salientando para Bessin (2005), uma dimensão que é negligenciada na história do «Trabalho Social», mais vinculada ao processo de profissionalização – que é a de captar o trabalho «profano» – o que não é reconhecido socialmente. É assim, um lugar de emoções, histórico e socialmente associado às mulheres, e por sua vez às profissões femininas. O que unifica a noção de *care* é o facto de ser um trabalho predominantemente efectuado por mulheres, quer se realize na família ou fora do espaço familiar, quer seja remunerado ou não. Colocando-se o acento nos processos ideológicos e materiais, que empurram as mulheres para o que é socialmente «adequado», traduzindo-se por sua vez em processos de profissionalização economicamente e socialmente desvalorizados (Abbott, 1988; Hugman, 1991; Letablier, 2007).

O conceito de *care* situa-nos assim, na compreensão das *caring professions*<sup>4</sup> profissões que de comum partilham com centralidade a dimensão do cuidado, não se esgotando nas consideradas profissões femininas. Na perspectiva de Hugman (1991) o «*care*» ao nível das profissões, desconstrói-se na sua dupla dimensionalidade, considerando o autor que o cuidar como compromisso, ou seja, o *care for* na sua expressividade inglesa está predominantemente associado às profissões historicamente femininas, nas quais situa a Enfermagem e «Serviço Social», e que o cuidar como tarefa o *care about*, considerado como uma noção mais «apropriada» para as profissões historicamente masculinas, como Direito e Medicina (Hugman, 1991).



As «interconexões entre cuidar, género e profissões são uma combinação entre expressão intelectual, emocional e realização de tarefas, a qual não é exclusiva do campo profissional» (Hugman, 1991: 11), considerando-se estar presente também nos cuidados informais. Esta relação social do *caring for* (dimensão feminina do cuidar), aos cuidados informais permite compreender segundo este autor, o menor sucesso na reclamação do estatuto profissional, quer das tarefas quer dos que as executam – maioritariamente mulheres, considerando assim o Serviço Social como uma profissão feminina, caracteristicamente de baixo estatuto.


O ângulo de análise do conceito *care* enquanto «trabalho emocional», remete-nos para o argumento da «autoridade da experiência» (as mulheres estão melhores posicionados para a intervenção social porque estão do lado dos oprimidos), argumento já apresentado com Aristú (2004) lembrando-nos «as contradições essencialistas que se alojam nesta posição» (Bessin, 2005: 163), as quais se relacionam com a história da constituição como profissão, nas suas origens históricas concretas, na sua relação com as estruturas patriarcais nas quais emergiram, nomeadamente por detrás de profissões estabelecidas.

As Profissões Femininas (Hugman, 1991: 13), construíram-se com base no «merecimento», e no «não merecimento», no «cuidar e controle» (Hugman, 1991: 1), é assim um conceito tipo «chapéu-de-chuva» porque abrangente, nele cabem as perspectivas teóricas explicativas da relação do Serviço Social e Género (já apontadas).

As Profissões do Cuidar Femininas são a expressão de um compromisso com o cuidar como preocupação – *caring concern* (Hugman, 1991), sendo central para a compreensão, atendermos a evolução social diferenciada entre homens e mulheres. A entrada e veiculação das mulheres no terreno profissional, nas profissões consideradas adequadas, apesar de terem dado uma abertura para a vida profissional destas, continuam contudo a perpetuar as relações patriarcais (Taylor; Daly, 1995; Abrams; Curran, 2004).

O enquadramento destas questões nas mudanças societárias, permite compreender as reconfigurações das profissões femininas. Assim, as concepções sobre a natureza do Serviço Social enquanto profissão feminina, leva-nos a considerar enquadramentos mais abrangentes, repensando estas profissões tendo em conta as mudanças importantes ocorridas no contexto europeu, em que os valores de mercado, como a rentabilidade e a eficácia conflituam com o ideário do Estado de Providência que está na base do desenvolvimento das profissões sociais (Chopart, 2003), e por outro lado, dão origem a processos de redefinição das intervenções sociais (Chopart, 2003), gerando dinâmicas de redefinição das identidades pessoais e profissionais.

O estudo destes impactos nas profissões, e nas profissões femininas leva alguns autores a considerar que as «profissões feminizadas também mudaram entre outros factores pelos processos de requalificação – desqualificação dos mercados de trabalho e uma nova consciência sobre a competência e profissionalidade dos trabalhos realizados por mulheres» (Guadarrama, et al, 2007: 15), no entanto, considera-se serem poucos os impactos qualitativos nas esferas do trabalho em geral, e nas próprias profissões femininas, «subsistindo numerosos segmentos desqualificados e depauperados» (ibidem: 15).



Defendem assim estes autores, linhas de continuidade e linhas de ruptura, coexistindo nas profissões feminizadas, espaços comuns de identidades contrastantes, renegociadas na cultura e espaço, onde se desenvolvem as actividades, rompendo-se no entanto, algumas linhas de natureza predominantemente afectiva (Guadarrama, et al, 2007: 16). Salienta-se nesta perspectiva a importância dos contextos espaciais e temporais, os espaços globais e locais, as suas similitudes e especificidades, entre outras mudanças ocorridas ao nível da diferenciação do trabalho, e a consequente apropriação pelas mulheres de espaços profissionais masculinos.

Os desafios lançados ao trabalho decorrem dos fenómenos de transformação do mundo produtivo contemporâneo (flexibilização, precarização, globalização do trabalho, etc.), e as consequentes reconfigurações profissionais que afectam transversalmente todas as profissões. As profissões do «trabalho social», onde se inscreve o Serviço Social, são atravessadas por uma série de paradoxos e desafios.

Os desafios colocados hoje ao Serviço Social são diversos, este está em plena mutação, novas problemáticas, novos campos profissionais, «transformando-se na prática com a presença, na qual os profissionais acompanham as pessoas em situação de necessidade, para as tornar «activas» na sua autonomização» (Bessin, 2009: 72), colocando-se as questões de género e os consequentes desafios para o Serviço Social, os quais segundo este autor, devem ser tomados seriamente em consideração.

## Conclusão

Compreender o Serviço Social enquanto Profissão feminina, é colocar-nos forçosamente perante a proposta de atender à sua génese e evolução social, atravessadas pelas influências marcadas das dimensões de género. Partimos da hipótese de que as identidades profissionais do Serviço Social, se constroem nos mundos da construção social fortemente feminizada, na relação social das identidades profissionais a visões essencialistas associadas às mulheres, como dimensões que confluem para os fundamentos, finalidades, constrangimentos e potencialidades, desta profissão. Contribuíram para esta compreensão o debate na questão das profissões socialmente «adequadas», e, maioritariamente exercidas por mulheres – as Profissões Femininas, e as Caring Professions.

A compreensão do Serviço Social, como profissão feminina, remete-nos para a herança histórica e social do estereótipo de feminilidade e do maternalismo nas profissões femininas. A sua génese assenta na evolução diferenciada entre homens e mulheres – diferencialismo sexual – pelo que o debate do género na natureza do Serviço Social, situa-o como vincutivo à subordinação e subalternidade, permitindo não só conhecer a sua natureza, mas, definir o seu perfil de controlo, e dominância do afectivo, dimensões tributárias das profissões femininas.

Assim, para a compreensão desta problemáticas temos de estar especialmente atentas às pistas teóricas que centralizam as suas análises no conceito de género, sobretudo na dimensão dos atributos femininos – sensibilidade, afectividade para cuidar dos outros, bem como o conceito de patriarcado, e a sua relação com as dimensões do poder, controlo, autoridade,

subordinação, subalternidade, estatuto e prestígio, e ainda o conceito de cuidar como dimensão «própria» ao mundo mulher.

Salientamos ainda, que as concepções actuais sobre a natureza do Serviço Social, precisam ter em conta enquadramentos mais abrangentes, nomeadamente, as mudanças ocorridas no contexto europeu, e mundo globalizado, levando alguns autores (Guadarrama; Torres, 2007; Prieto et al., 2007; Krings; Lierling, 2008) a considerar que as profissões femininas mudaram entre outros factores, pelos processos de requalificação e desqualificação dos mercados de trabalho, e uma nova consciência sobre a competência e profissionalidade dos trabalhos realizados por mulheres, sem no entanto se traduzirem em impactos sociais significativos para as mulheres.

## Referências

- Abbot, Andrew (1988). *The System of Professions An Essay on the Division of Expert Labor*. London: The University of Chicago Press Chicago and London;
- Abrams & Curran (2004). «Between Women: Gender and Social Work in Historical Perspective» in *Social Service Review*, p: 429-446. September, Chicago: University Chicago;
- Aristú, José Hernandez (2004). *Trabajo Social En La Postmodernidad*, Zaragoza: Libros Certeza;
- Escobar, Lucília (2004). *O Sexo das Profissões Género e Identidade Socioprofissional em Enfermagem*, Santa Maria da Feira: Edições Afrontamento;
- Beechey, Veronica (1979). "On Patriarchy" in *Feminist Review*, nº 13, 1979, pp-66-82
- Bessin, M. (2005). «Le Travail Social Est-il Féminin?» in J. Ion (Ed), *Le Travail Social*, p: 152-169. Paris: la Découverte;
- Bessin, M. (2009). «La division sexuée du travail social», *Informations Sociales*, nº 2 : 70-73;
- Chopart, Jean-Noel (2003) *Os novos Desafios do Trabalho Social Dinâmicas de um campo profissional*, Porto: Porto Editora;
- Dubar, Claude (2000). *La Socialisation, Construction des Identités sociales et professionnelles*, Lille : Collin ;
- Dubar, Claude (2006). *A Crise das Identidades A Interpretação de uma Mutaçã*o, Porto: Edições Afrontamento;Furlong, Andy (1986). «Schools and the structure of Female Occupational Aspirations», in *British Journal of Sociology of Education*, vol.7, nº 4, 1986;
- Genolet, Alicia et al. ( 2005). *La Profesión de Trabajo Social Cosa de Mujeres?*, Buenos Aires: Espacio Editorial;
- Guadarrama, Rocio; Torres & Luís, José (Coords) (2007). *Los Significados Del Trabajo Femenino en el Mundo Global Estereótipos, Transacciones y Rupturas*, Barcelona: Anthropos Editorial;
- Hugman, Richard (1991). *Power in Caring Professions*, London: The Macmillan Press Ltd;
- Montano, Carlos ( 2007). *A Natureza do Serviço Social Um ensaio sobre sua gênese, a especificidade» e sua reprodução*, São Paulo: Cortez Editora;
- Letablier, Marie-Thérèse. «El Trabajo de «Cuidados» y su conceptualización en Europa», pp: 64-84, in Prieto, Carlos (2007), *Trabajo, Género e Tiempo Social*, Madrid: Editorial Complutense;
- Prieto, Carlos (2007). *Trabajo, género y tiempo social*, Madrid: Editorial Complutense, S.A.

